

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

## **CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA ECOSÓFICA E DA COSMOLOGIA DOS POVOS DA FLORESTA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL <sup>1</sup>**

### **CONTRIBUTIONS OF THE ECOSOPHICAL PERSPECTIVE AND THE COSMOLOGY OF THE PEOPLE OF THE FOREST TO THE ENVIRONMENTAL EDUCATION**

**Daniela Carolina Ernst<sup>2</sup>, Deniz Alcione Nicolay<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> PARTE DO TRABALHO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO MESTRADO EM ENSINO DE CIÊNCIAS DA UFFS CAMPUS Cerro Largo

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação Mestrado em Ensino de Ciências da UFFS Campus Cerro Largo

<sup>3</sup> Professor e Orientador no Programa de Pós Graduação Mestrado em Ensino de Ciências da UFFS campus Cerro Largo

#### **1. Das Linhas Que Se Cruzam, Das Teias Que Se Tecem.**

Tim Ingold afirma que “é no emaranhamento de linhas, e não na conexão de pontos, que a malha é constituída.” (2011, p.31). Neste sentido, a nossa malha constituída não é somente a da problematização e reflexão acerca de uma história paralela do homem na crise civilizatória global que estamos vivenciando. Mas a discussão sobre a sua relação com o meio ambiente e sobre as relações de consumo motivadas através de mecanismos que se apropriam do meio natural, consequência da engrenagem global de acumulação de capital que se estabelece ao longo da nossa trajetória do desenvolvimento da humanidade. Para Guattari (2009), os problemas dos desequilíbrios ambientais estão no âmago da evolução da sociedade, mas, principalmente, nas relações econômicas estabelecidas, nas relações políticas e nas construções e interações sociais constituídas a partir de todos estes fatores, e, ainda, na padronização dos comportamentos e dos pensamentos, que reduzem as subjetividades e conduzem a uma “implosão e infantilização” da condição humana.

A partir desse entendimento, o movimento proposto é o da ressignificação, de repensar as relações estabelecidas de dentro, a partir das práticas experimentais e, dessa forma, propiciar o despertar de uma consciência ambiental cosmológica coletiva. De acordo com Deleuze (2008.), a tomada da consciência é a conquista da liberdade. Ou seja, precisamos nos questionar acerca da concepção dualista que separa claramente os âmbitos da natureza e da cultura. Além de voltar o olhar para as relações estabelecidas com a natureza através dos diferentes períodos e contextos sócio-históricos da humanidade e que ameaçaram o equilíbrio do Planeta.

Ou seja, aqui a proposição é a de repensar o homem e a Educação Ambiental, fora do seu quadro teórico original e reinseri-los na experiência do humano definido como um organismo vivo, não único e não especial, que empresta valor e significado sensíveis ao ambiente que habita. E a proposição de tornar a Educação Ambiental uma prática, mesmo que transversal, que permita experienciar a natureza e assim tornar feliz quem a pratica, e por isso, aqui apontamos a importância da filosofia/ecofilosofia guattariana, em conjunto com a sabedoria dos povos da floresta, nessa construção de acesso e participação, do conjunto, da coletividade. Porque a vida, em suma, é um movimento de abertura. Nas linhas de Being alive, Tim Ingold aponta que o pensamento animista tem que nos servir para questionar e repensar a cosmologia ocidental:

Se a ciência é para ser uma prática de conhecimento coerente, deve ser reconstruída na base da abertura ao invés de

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

encerramento, e do compromisso em vez de desprendimento. E isto significa recuperar a sensação de espanto que é tão conspícua pela sua ausência do trabalho científico contemporâneo. O conhecimento deve ser religado com o ser, a epistemologia com a ontologia, o pensamento com a vida. Assim, nossa reflexão sobre animismo indígena nos levou a propor a reanimação da nossa própria tradição de pensamento chamada "Ocidental." (INGOLD, 2011, p.75).

Ou seja, a busca é a da "pluralidade externa à ciência, do outro lado da linha", de que fala Boaventura de Souza Santos, em Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes (2010). Ou seja, as diferentes maneiras pelas quais alguns povos percebem o ambiente, a ciência, os modos de vida, as relações de consumo – com a biologia, antropologia e a filosofia – e que poderiam ajudar a transformar os entendimentos historicamente estabelecidos e aceitos em distintas disciplinas acerca do lugar do humano no ambiente, das nossas relações de consumo em relação à natureza, interligado com os conhecimentos dos povos da floresta sobre o que é humano e sobre o que é a vida, uma outra perspectiva de pensamento acerca da EA em uma grande performance cosmológica.

A busca é de Educação Ambiental ligada ao sensível, ao ético, ao estético, ao poético, e aos afectos no sentido Deleuziano de "affectus" (afeto) e "affectio" (afecção): Afecção remete a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante, ao passo que o afeto remete à transição de um estado a outro, tendo em conta variável correlativa dos corpos afetantes (DELEUZE, 2002, p. 56). E que se alinham com as subjetividades, dos professores da Educação Ambiental e a dos alunos, e ao fazê-lo desconstrói as dicotomias estabelecidas historicamente em que o professor é entendido enquanto enunciador. Porque entende que a experiência é sempre uma experiência subjetiva, que incorpora múltiplas dimensões, percepções sensoriais, enquanto forma, textura, cor, tamanho. E também percepções para fora do sujeito, do que não se vê, mas que afeta a todos nós.

## 2. Das Linhas Que Se Juntam Ao Que Se Sabe

Para o melhor entendimento do que propomos problematizar, faz-se necessária uma marcação temporal em formato de linha de conexão, entre o que se viveu no passado e o que vive agora, e que permita, mesmo que muito concisamente, rememorar e mapear as pegadas humanas que foram sendo deixadas ao longo do nosso processo constitutivo. Isso se dá porque, quando falamos sobre Educação Ambiental (EA), somos guiados pela percepção de que as sociedades primitivas, pré-industrialização e pré-capitalistas, haviam estabelecido uma relação harmoniosa com a natureza.

Contudo, a partir do avanço dos estudos paleontológicos e antropológicos, sabemos que essa narrativa não pode ser sustentada. Estamos começando a reconhecer que historicamente, quando as populações humanas cruzaram a "ponte" de Beringia do nordeste asiático para o Alasca, há cerca de 12 mil anos, as mesmas participaram ativamente na extinção de grandes mamíferos, como os mamutes e os mastodontes, ao mesmo tempo em que se locomoviam para o Sul do continente. A partir dos trabalhos do Dr. Paul S. Martin e de KLEIN, (1984); HAYNES, (2002); KOCH e BARNOSKY (2006); BURNEY e FLANNERY, (1984) sobre o papel dos caçadores humanos nas grandes extinções, fica evidente que as ações diretas e indiretas das sociedades humanas com tecnologias "simples" são capazes de provocar colapsos ambientais a longo prazo, sobre o meio

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

ambiente e também sobre as civilizações (HAYNES, 2002). Hoje, entendemos que as extinções que aconteciam ao redor do planeta estavam ligadas à chegada da presença humana naquelas regiões.

Entretanto, entender a participação das comunidades humanas na degradação do meio ambiente, ao longo da nossa constituição enquanto espécie, e com isso, das ondas de migrações humanas, não invalida as ações violentas e que são cometidas a ritmos acelerados a partir dos séculos XVIII e XIX, com a Revolução Industrial e do Petróleo, inspirados pelo modelo representacional de Descartes do homem como “mestre e dono da natureza” e dos ideais iluministas, que ligam cartesianamente os sentidos de progresso a uma concepção utilitarista da ciência em relação à natureza, esta última entendida como insumo que se pode violar à saciedade. Esse pressuposto teórico do pensamento colonial, pode ser resumido na anáclise profana de: dominar, controlar, possuir, as ocorrências cartesianas, constituem, desde então, o inconsciente coletivo moderno. Heidegger (1889-1976), ao longo de sua vida e obra, dedicou-se a pensar, em profundidade a relação de dominação estabelecida entre homem e natureza, tal dominação que leva, para retomar sua expressão, a “devastação do mundo” (Heidegger, 1990, p. 19). Ele mostra bem em que tal uso sem freio torna-se usura incontrolável.

Esse mesmo modelo de pensamento cartesiano, linear, contribuiu e ainda contribui com as atrocidades cometidas, através dessa usura incontrolável contra as outras espécies de organismos sencientes e contra a natureza da qual nos alertava Heidegger. O Antropoceno é um período de tempo marcado pelas catástrofes, pelas mudanças climáticas, pandemias globais como SARS, o EBOLA e a COVID-19, e pelas nossas ações irreversíveis sobre as condições materiais de existência. Tempos de Epidemias e Pestes Globais são importantes avisos quanto a nossa própria insignificância e fragilidade. Elas nos ensinam que a linha que nos mantém vivos é muito tênue, que nossa permanência na Terra depende de muitas variáveis.

Guattari (2009) afirma que os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração do nosso planeta e essa se dá principalmente nos últimos dois séculos, com a expansão do capitalismo após a Revolução Industrial (do automóvel e do aço), e Pós I Guerra Mundial, assim como seus impactos sobre a natureza (destacando o impacto sobre o próprio homem). E, se antes o tempo que vendíamos para o mercado era transformado em engrenagens que direta ou indiretamente faziam/fazem com que a roda do capitalismo se movimente para produção de mercadorias, hoje precisamos começar a discussão em sala de aula, de que talvez essas relações e esses modelos de produção sejam os responsáveis pelos desastres pelos quais passamos e de que somos autores.

O supracitado autor, ainda, aponta que essas violências estão relacionadas, essencialmente, com os hábitos de consumo das populações humanas desencadeados pelo sistema capitalista, e das suas relações com a natureza, sejam essas relações estabelecidas pré ou pós Revolução Industrial. Isso significa dizer que dentro de um período muito curto de tempo, um mero instante, se considerarmos o tempo das eras geológicas, a atividade humana moldou o planeta a nossa maneira. Pensar que se apenas um dos muitos sistemas de suporte à vida de que dependemos e ao mesmo tempo destruímos – solos, aquíferos, chuvas, gelo, padrões de ventos e correntes, florestas, polinizadores, abundância biológica e diversidade – falhe, todo o resto pode vir a colapsar. Ou seja, precisamos procurar por alternativas, para ressignificar o que entendemos por riqueza, bem-estar e desenvolvimento, e procurar por alternativas mais conscientes e que pudessem desvincular-nos do modelo estabelecido a partir do antropocentrismo, faceta característica da necropolítica capitalista, do modelo industrial

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

expropriatório, da agricultura monocultural dos grandes latifúndios, entendida como agronegócio, outro nome para as capitâneas hereditárias. A partir do acima exposto, entendemos a necessidade de um deslocamento, que oriente para um modelo mais biocentrista. Ou seja, : “A lei secreta da terra conserva esta na moderação que se contenta com o nascimento e a morte de todas as coisas no círculo determinado do possível” (Heidegger, 1958, p. 113).

A sabedoria da moderação produto da aceitação traída de um presente que se apresenta precário e que, em consequência, necessita de intensidade por ainda encontrar-se preso as engrenagens que mantêm o capital girando, arrastam tudo e todos, estabelecendo castas e hierarquias, métodos, escalas de desenvolvimento e de investimentos, que ditam quais são os países desenvolvidos e os fadados a sofrerem intervenções indiretas através do capital estrangeiro, que influenciam nas eleições, no nível educacional da sua população, nas tomadas de decisão pelos seus governantes e no desenvolvimento desses países.

O modelo econômico em que vivemos, não preza pelo acesso a todos, por equidade de condições, por pessoas felizes. Para Guattari: A pobreza é "amada" pelo sistema capitalista que usa ela como uma alavanca para colocar em voga a força de trabalho coletivo. O indivíduo é forçado a estar em conformidade com as disciplinas urbanas, os requisitos do sistema de salários ou rendimentos de capital. Ele é obrigado a ter lugar certo em escala social, caso contrário ele irá afundar no abismo da pobreza, da assistência e eventualmente do crime. A subjetividade coletiva regida pelo capitalismo é polarizada por valores de campo: rico/pobre, autonomia/assistência, integração/desintegração. (2015, p. 35). E se dentro desse sistema expropriatório se produzem subjetividades, e estas relações acontecem no mundo em que habitamos, no ambiente em que vivemos, nas relações que estabelecemos, como não pensar sobre as diferentes formas de subjetivação, como um parte dos problemas que poderiam ser abordados pela EA? Precisamos, portanto, ao menos tentar compreender as especificidades de nossas próprias circunstâncias e nossa relação com o planeta, para compreendermos a nós mesmos.

Toda essa relação de dominação humana sobre outros humanos e da exploração da natureza tem provocado o desmatamento das grandes florestas tropicais do planeta. Essas vêm passando por um processo de esgotamento sem igual, o que compromete significativamente a regulação do clima. Na Indonésia, mais especificamente nas ilhas de Sumatra e Bornéu, os últimos trechos da floresta tropical da região, composto por árvores ancestrais na Malásia, Indonésia, estão sendo destruídos, para a produção do óleo de palma, um óleo vegetal extraído da fruta encontrada nas palmeiras (*Elaeis guineensis*), com baixo custo de produção, e que serve para dar maciez e facilitar a conservação de metade das comidas industrializadas, em especial os chocolates, batatas fritas e hambúrgueres das grandes multinacionais. Essa expropriação, acaba fragilizando ainda mais o único ambiente do planeta, ainda compartilhado por elefantes, orangotangos, rinocerontes e tigres juntos em um único ecossistema.

Essas ações nos alertam para o risco de perda irreversível de toda essa biodiversidade, e das relações evolutivas estabelecidas entre os organismos que habitam esses ecossistemas, assim como deveria nos alertar também para os efeitos terríveis dessa perda, que se materializam na possibilidade de um futuro caos climático que ameaça destruir todos os vestígios de vida em menos de algumas décadas. Ao falarmos sobre o que acontece no Brasil, talvez devêssemos voltar um pouco mais no tempo e entender que a marcha colonial que aqui se deu, deu-se por cima dos corpos dos povos originários que aqui habitavam e que as cidades em que hoje vivemos foram erguidas sob as ruínas



**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

dos povos que sofreram e ainda sofrem um dos maiores genocídios que a humanidade já pôde presenciar.

Alguns exemplos muito recente e que podem ser citados para fins de contextualização, são respectivamente, a construção de Brasília no Planalto Central, com a expulsão dos povos Xavante e Karajá. A implantação da Usina de Belo Monte e da Usina de Tucuruí no Pará, e construção da rodovia transAmazônica que foi inaugurada em 1974 sem nunca ter sido terminada, contudo graças a essa obra realizada no governo militar, inúmeros madeireiros tiveram sua ação predatória facilitada graças às vias de acesso criadas com a obra. Desde então a situação tem se agravado. Em relação às políticas ambientais e indigenistas dos últimos governos que se estabeleceram com maior robustez, pós golpe de 2016. A Proposta de Emenda Constitucional Brasileira, ou seja, a PEC 215, por exemplo, proíbe a ampliação de territórios já delimitados, deixando as populações autóctones ou originárias ainda mais fragilizadas. Atualmente, segundo os dados informados pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), no Brasil, existem 1.296 terras indígenas. Este número inclui as terras já demarcadas (401), em alguma das etapas do procedimento demarcatório (306), terras que se enquadram em outras categorias que não a de terra tradicional (65) ou, ainda, terras sem nenhuma providência do Estado para dar início à sua demarcação (530).

De acordo com o estudo investigativo promovido pelo Projeto de Monitoramento da Amazônia Andina (MAAP), ao longo de 2019, 125.000 hectares (o equivalente a 172.000 campos de futebol) foram desmatados e depois queimados em agosto do mesmo ano. A maioria das ocorrências foi observada no Amazonas, onde 39.100 hectares foram desmatados e depois queimados, ou cerca de 30% do total. O que evidencia o poder do discurso daquele que hoje ocupa o cargo de presidente, discurso esse marcado por violências contra os povos originários e aos defensores da natureza. Como não rememorar a fala de que aos povos originários não se daria nem um centímetro de terra? Para o princípio kantiano, não só o ser humano é um fim em si mesmo, mas igualmente todos os viventes. Ou seja, os outros organismos também devem ser respeitados. A partir dos estudos genéticos, que levam a decodificação do nosso código genético em 1950, sabemos que todos dividimos um ancestral comum, uma célula primordial, o que nos leva a dividir material genético com todas as espécies do planeta todos, possuímos o mesmo código genético de base: os 20 aminoácidos e as quatro bases fosfatadas. Estamos todos de alguma maneira interligados.

O posicionamento racional teórico colonial, do ser humano como senhor da terra, e que estabeleceu uma relação de uso com os outros animais e organismos sencientes precisam ser revistos. Como não nos remetermos a Adorno, em Educação Após Auschwitz, sem estabelecer relações entre os procedimentos de abate de aves e bovinos, com a barbárie cometida nos campos de extermínio da Alemanha nazista? Somos realmente defensores da natureza em toda sua plenitude e diversidade, ou esse posicionamento só tem validade quando defendemos o direito dos nossos animais de estimação? Dessa forma, precisamos conectar os pontos entre as linhas e construir o entendimento de que, com a perda da cobertura florística das grandes florestas tropicais, vivenciamos o aumento do nível de Dióxido de Carbono na atmosfera, e com isso, intensifica-se o processo de acidificação dos mares e no aumento da temperatura das águas, o que acelera o processo de degelo. Com o aumento da temperatura e da acidez dos mares, espécies inteiras vão se extinguir.

Partes imensas do Ártico (M.F. Fahnestock, et all 2019) ao Antártico e da Groenlândia estão desaparecendo, expondo-nos a organismos patogênicos e metilmercúrio contra os quais não temos defesa. O nível do mar aumenta, e com isso, grandes ilhas oceânicas estão desaparecendo. Esse é

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

um dos pontos sem retorno do qual falávamos anteriormente. Estamos criando através das nossas ações, coletivas ou isoladas, refugiados ambientais, com o apoio de alguns governos, através de seus discursos negacionistas e descreditaórios da ciência. Porque, ao contrário do que os agentes do governo possam dizer, o problema ambiental precisa ser entendido como um problema da coletividade, podendo tornar-se um motivo de saúde coletiva, como anteriormente citado.

A mineração cobra um preço muito caro do planeta. Seria importante que os professores de Química/Biologia pudessem trabalhar as questões ambientais a partir de problemas relacionados com as ações das mineradoras e da mineração, ao abordar os riscos à saúde coletiva e também quanto aos crimes ambientais cometidos pela Samarco, em Mariana (MG), em 2015, e da Vale, em Brumadinho, em 2018 (MG). Tanto Mariana quanto Brumadinho perderam a sua biodiversidade, espécies inteiras foram levadas à extinção, os rios foram mortos e as pessoas seguem doentes e abandonadas. Ainda em Minas Gerais, com o rio que antes era doce e agora é morto, o povo Krenak viu sua ligação da parte com o todo destruída. Essa população estabelece com o rio ligações de afectos e perceptos. Neste sentido, os perceptos não são somente afectos, os afectos não são somente sentimentos ou afectos, são devires humanos. “A sensação não se realiza no material, sem que o material entre inteiramente na sensação, no percepto ou no afecto. Toda matéria se torna expressiva” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 217). Assim como a terra onde pisam, o rio também acolhe, e dele que se retirava o sustento através da pesca, era a água doce que possibilitava o cultivo agrícola, era no rio que as crianças aprendiam a nadar e tornavam-se participes dos rituais ancestrais. Os Krenak são parte do rio e o rio é parte dos Krenak. O que fazer, quando toda uma população originária vê-se sem seu rio, sem seu meio de subsistência, sem parte da sua constituição enquanto humano?

As crianças Krenak, que aprendiam a nadar no rio como parte do seu ritual ancestral, hoje aprendem a nadar em caixas-d'água, água essa enviada pela prefeitura em caminhões-pipa. Os brancos civilizados, racionais, destroem as montanhas, acabam com a biodiversidade local e matam as bacias hidrográficas. No território Yanomami, as populações ribeirinhas e as populações dos povos originais ainda vivem o envenenamento lento, progressivo e silencioso, por mercúrio causado pelos garimpos (sejam estes legais ou ilegais, porque aqui são lidos como atividade de expropriação do bem humano), com a proliferação da “fumaça do ouro” da qual nos alerta Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015). Exterminando com os modos de existência/subsistência das comunidades e na Amazônia dos Yanomamis, dos Yekuana, dos Baniwa, do Huni Kuin e tantos outros povos que vivem na floresta. Como se não bastasse o envenenamento por mercúrio, da morte dos rios pelos rejeitos das grandes mineradoras, a invasão de suas terras, o proselitismo religioso, as populações autóctones ainda lutam contra as perseguições das lideranças indígenas, assassinato dos caciques e dos ativistas ambientais.

De acordo com dados levantados pela Ong Global Witness, o Brasil lidera o ranking de assassinatos de ambientalistas: só em 2018 foram 20 ambientalistas assassinados; na última década, dos 300 processos de ambientalistas mortos, só 13 casos foram julgados. O que evidencia duas situações complexas e que precisam ser discutidas na EA: primeiro, o poder do discurso, esse marcado por violências contra os povos originários e aos ambientalistas. E, segundo a impunidade contra os grandes senhores de terra e contra os que atentam contra a natureza. Como disse João Guimarães Rosa em *Grandes Sertões Veredas*: “viver é um negócio perigoso”, em especial quando se vive na floresta e se pertence aos povos da floresta. Quando se estabelecem relações de afecto que se complicam ou (re) complicam através de sentimentos como o de pertencimento, de entendimento da floresta como uma

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa  
**ODS:** 4 - Educação de qualidade

entidade viva e pulsante.

Para os Huni Kuin, são nas árvores que os espíritos ancestrais habitam, em especial nas Samaúmas, onde vivem os Yuxibus. Quando a floresta é derrubada, um portal de ligação com a sua ancestralidade, que não é só material, mas também espiritual, se fecha. E se até aqui, não fizemos, talvez devêssemos fazer o exercício do faz de conta, do qual Neil Postman já nos ensinava em *Teaching as a Subversive Activity* (1971): ou seja, fingir que nos importamos com todas essas violências que acontecem sob nossos olhos, em conjunto com os nossos estudantes, e nos transportemos para o local de vida e de fala desses povos, que são violentados há 520 anos. Esse não deixa de ser um exercício de empatia.

Feche os olhos e imagine que você se importa que essas violências, com essa degradação, que tudo isso estivesse acontecendo nas cidades onde habitamos, onde nascemos e nos relacionamos, com as igrejas, mesquitas, sinagogas que frequentamos, que são nossos locais sagrados e de devoção, que as mesmas fossem completamente destruídas, nossas casas invadidas, nossa comunidade morta e/ou escravizada por um terceiro, aqui chamado de colonizador. Imagine que você se importa e que tudo isso tenha acontecido com você e com as pessoas e organismos que são detentores dos seus afetos. Só imaginem essas violências físicas e discursivas sobre povos que se constituíram oralmente, através do tempo, de uma geração para a outra, mudando o nome das plantas, dos animais, dos objetos, obrigando-os a fugir ou morrer, tendo em vista a disparidade de forças e artefatos tecnológicos que estabelecem a submissão dentro de territórios muito pequenos em comparação com o que estavam acostumados, com suas migrações sazonais, indo de um lugar para o outro, e uma vida sob ocupação e a tutela do opressor. Imagine que você se importe, e então talvez consigamos fazer a diferença.

Ainda sobrevivem no Brasil, e este é o termo, sobrevivem 900 mil pessoas pertencentes aos diferentes grupos dos povos originários, pertencentes a 300 diferentes grupos étnicos e falantes de mais de 270 línguas. Eles já foram 8 milhões, em 1500, segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Do mesmo modo, nunca foi tão importante pensar e discutir a Educação Ambiental EA por múltiplos olhares, por diferentes perspectivas. As contribuições mútuas entre as diferentes disciplinas, como : filosofia, antropologia, psicologia, história, geografia, química, física, literatura e biologia são fundamentais, para que se estabeleçam as conexões entre as nossas ações e as suas reverberações na natureza. O que eu faço, ou seja, as minhas ações pessoais, as minhas escolhas através do que eu consumo e como eu voto, tendo em vista que o meu candidato criará políticas públicas, e apoiará pautas e tomará partido na defesa ou ataque da natureza, como todas essas escolhas e ações vão impactar direta ou indiretamente o meio ambiente. Ou seja : "Só existe um céu e é preciso cuidar dele, porque, se ficar doente, tudo vai se acabar" ( KOPENAWA, ALBERT ,p. 498),

### 3. As Linhas De Ligação- Ecosofia E Educação Ambiental

A Educação Ambiental pode ser entendida como um grande processo de significação. Ou seja, ela pode dar sentido ao nosso mundo e ao movimento de estar no mundo. Assim como também pode dar sentido às nossas relações com os outros organismos e seres sencientes. Para Guattari, sentimentos como o individualismo e o empobrecimento das relações humanas são questões que se ligam às questões ambientais, por isso são problemáticas ecológicas, importantes para serem discutidas na EA. Parte-se do entendimento de que, na contemporaneidade, a felicidade resume-se ao sentido de “ter”, de acumular, de consumir, e não em “ser”. A perspectiva Guattariana e

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

Cosmológica dos povos das florestas precisam ser entendidas como um movimento do pensamento que entende corpos e mentes como algo a ser suprido para se manterem vivos.

Nossos corpos precisam desse sentido para realizarem-se plenamente. Para além dos corpos, nossas almas precisam participar desse processo, elas precisam ser alimentadas; se sem nutrientes o corpo padece, sem conexões, sem significações a alma (emocional) adocece. Tudo está interligado, as dificuldades nas relações humanas, a degradação ambiental e a produção de subjetivação numa sociedade capitalista, colonial, neoliberal, na maioria das vezes, causam medo, solidão e insegurança (GUATTARI, 2012). Elas adoecem o corpo, a alma e o meio ambiente.

Isso equivale a dizer que cada ser humano, consciente de seu lugar no mundo e das suas ações, precisa viver intensamente seu segundo cosmológico na terra. Historicamente, formatamos nossas jovens, suas mentes e seus corpos, violentamo-las com perguntas como: O que você vai ser quando crescer? Como se elas e eles já não fossem alguém. Como se a sua existência até ali não tivesse importância ou sentido, e que a mesma só se daria quando ela soubesse que caminhos trilhar. Crianças precisam ser essencialmente crianças. Precisam viver intensamente essa fase da vida, precisam inventar histórias, movimentar a criatividade, precisam sonhar, e manter esse devir criança, para que em suas outras etapas e fases da vida não sintam o vazio de não ter vivido sua infância. De não ter brincado descalço, de não ter abraçado ou subido em uma árvore, observado insetos, o voo dos pássaros, o movimento das aranhas quando tecem a teia ou capturam seu alimento.

E aqui, faço a pergunta, de como não trabalhar a Educação Ambiental fora dos espaços normatizadores escolares? Como não trabalhar a educação ambiental a partir da contemplação, da reflexão, da conexão com a natureza e os outros organismos? Para Guattari (2009), a ecosofia, antes de mais nada, precisa tratar da compreensão da nossa história e nossas relações de produção e consumo, compreensão de nós mesmos, compreensão da nossas relações com o meio ambiente. Ou seja: Ecologia do meio ambiente - onde tudo é possível de acontecer, quanto às evoluções flexíveis e quanto às piores catástrofes ambientais; “cada vez mais, os desequilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas”, principalmente quanto à regulação das relações entre o oxigênio, o ozônio e o gás carbônico; Ecologia social - deve trabalhar as relações humanas, reconstruindo-as em todos os níveis do socius; Ecologia subjetiva ou mental - será levada a reinventar a relação do sujeito como o corpo, a psique (inconsciência) e o consciente (GUATTARI, 2009, p. 52).

Essa compreensão é explicitada em suas três ecologias, que são, respectivamente: a do meio ambiente, a das relações sociais e a da subjetividade dos organismos humanos (mental). A intenção dessa perspectiva filosófica e de pensamento do Meio Ambiente é despertar do entorpecimento causado pelas relações não lineares de vida e consumo, às quais estamos historicamente submetidos e das quais não conseguimos nos desvencilhar. Questionar o que se sabe, o que se entendia saber, despertar a condição humana no meio ambiente Tal qual afirma Guattari (2006):

Não seria exagero enfatizar que a tomada de consciência ecológica futura não deverá se contentar com a preocupação com os fatos ambientais, mas deverá também, ter como objeto das devastações ambientais no campo social e no domínio mental. Sem transformações das mentalidades e dos hábitos



**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

coletivos haverá apenas medidas ilusórias relativas ao meio material( 2006 ,p.23).

Neste sentido, o individualismo acarreta o empobrecimento nas relações humanas. Esses são fatores sine qua non para o estabelecimento da crise civilizatória, que não deixam de ser, também, problemas ambientais. Fato é que os que viverem depois de nós encontrarão um mundo esgotado ecológico e ontologicamente, um mundo muito diferente do que temos hoje e que chamamos de lar.

#### 4. Ecosofia E Os Povos Da Floresta

A perspectiva da ecologia difere de lugar para lugar, e está carregada de diferentes significados, que se constroem a partir dessas relações. Para o homem eurocêntrico ‘civilizado’, o significado da ecologia tem a ver com a preservação do seu meio de vida/consumo, a natureza e sua preservação estão intrinsecamente ligados com seus fetiches de aquisição. A floresta é uma commodity, ela pertence ao homem. Para os povos originários da floresta, o que chamamos de ecologia é o que o eles chamam de antigas palavras herdadas por Omama aos seus ancestrais e aos espíritos xapiri que protegem a floresta. Portanto, essa relação é invertida, no sentido de que a natureza faz parte da sua constituição, os espíritos habitam e são habitados pela floresta, ela é a casa, ela é a vida, a floresta é o seu mundo.

O sujeito que faz parte dos povos originários da floresta entende que ele não é dono da mesma, mas que é ela, a floresta, a quem os povos originários pertencem, ela é a nutridora, é a inspiração, é a respiração. A floresta vive e só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Esse processo de pertencimento coletivo ao Todo, à terra e à floresta, é abalado a partir das violências coloniais, sejam estas físicas, discursivas, espirituais e mentais. Essas violências perpassam o tempo e os diferentes espaços, criando e mantendo relações desiguais de forças, onde a expansão do modelo capitalista, violenta, ainda mais os sujeitos. O indivíduo (indivisível) do capitalismo, é o resultado do esartejamento das múltiplas identidades humanas e da sua (des)conexão com a natureza, resulta em seres individualizados, hierarquizados, programados para o consumo desenfreado. Para os povos originários, essa relação é invertida, quando afirmam que:

Nós, habitantes da floresta, só gostamos de lembrar dos homens generosos. Por isso temos poucos bens e estamos satisfeitos assim. Não queremos possuir grandes quantidades de mercadoria. Isso confundiria nossa mente. Ficariamos como o branco. (KOPENAWA 2015, p.420).

Quando caçam um animal para se alimentar, eles não o consomem no momento do abate, mas compartilham a caça com os demais. No retorno para a comunidade, existe essa conexão com o bando. Quando as tribos ficam muito numerosas, elas se dividem e partem em diferentes direções para não exaurir os recursos da natureza. A floresta vive. Dentro de um território dos povos originários, ninguém é dono da Terra, seus partícipes também não tem herança, os povos da floresta não guardam baús de tesouro acumulação, o seu tesouro é a vida e sua complexidade. O repertório da cultura externa, necro capitalista e liberal não tem sentido dentro desses territórios, que não só físicos, mas mentais. Para Guattari (2009), a Ecosofia aborda essa compreensão, que se alinha, no

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

sentido, de conexão com a compreensão dos povos da floresta, ou seja, de pertencimento ao meio em que vivemos, e o de aprender com a Terra, com a natureza, de repensar os modos de consumo e produção. O que permite aos professores que trabalhem, mesmo que transversalmente com a temática da EA, levantarem os seguintes questionamentos: Como a minha prática docente pode contribuir para despertar a consciência ambiental? Como as minhas ações, o conteúdo trabalhado e a maneira podem contribuir para uma mudança de paradigmas? Eu me importo suficientemente para promover diálogos corresponsáveis? E aqui defendemos o entendimento de que todo professor é pesquisador e que essas ações não se separam.

## 5. Palavras de Despedida - Nós somos os Bárbaros

Não conhecemos as diferentes culturas dos povos originários, mas me permiti citar sua sabedoria ancestral, como reconhecimento das nossas próprias limitações quando questionados acerca dos nossos modos de vida e das relações que estabelecemos. Talvez, devêssemos nos permitir uma postura de devir dos povos originários, com o resgate da ligação com a terra, com a natureza. Porque o devir branco dos índios já ocorreu e segue acontecendo frente às violências diárias às quais esses diferentes povos e culturas são submetidos, na medida em que eles estão completamente expostos aos efeitos exterminadores dos brancos sobre eles. Esse devir índio resume-se a propiciar ao branco uma necessidade e um desejo de nos tornarmos parte do coletivo cosmológico dos povos da floresta. Essa não deixa de ser uma postura de reconhecimento de uma política de relação com o Outro, muito afastada da relação que se estabeleceu na fundação colonial desse encontro marcado de perversidade e solidão. Neste sentido as correções de linguagem podem nos ajudar a entender a história sobre nós mesmos. O que não deixa de ser uma tentativa de romper com esse movimento que opera no Brasil e que carrega o entendimento colonial de diminuição de determinados saberes, determinadas histórias, de como nos movimentamos em direção a algumas coisas e nos afastamos de outras.

Neste sentido a ecosofia não deixa de ser um encontro micropolítico, um encontro entre diferentes corpos e sujeitos que habitam e que são habitados, ao trazer para a discussão a Cosmologia dos Povos da Floresta, não estamos tentando falar por eles, e muito menos faremos esforços no sentido de explicar os conceitos que eles criam a partir do seu fazer filosófico. Não temos o direito de continuar ocupando um local de fala que é deles e que foi historicamente silenciado. Ao contrário, o nosso movimento é o de consideração, de reconhecimento da importância desse saber ancestral cosmológico, que permeia a nossa constituição enquanto pessoas. Também não queremos manter a impressão de que precisamos suprir um pressuposto histórico de incapacidade cognitiva aos povos originários, atribuída a partir do pensamento eurocêntrico.

Nossa tentativa sempre foi a de nos afastarmos dessa percepção de raça/ superioridade intelectual e científica inventada no século XIX, que usava de pressupostos pseudocientíficos para estabelecer hierarquias biológicas entre diferentes seres humanos, esses pertencentes a diferentes culturas. Esses mesmos pressupostos pseudocientíficos não se aplicavam somente à cor, mas se estendiam a classe, gênero, etnia e orientação sexual. Essa premissa nos dividiu e ainda divide, nos posiciona entre eles e nós, entre os civilizados e os bárbaros, e que sustenta o pensamento de desconexão do humano com o meio. O movimento é o de abertura, de tomar a iniciativa de construir com os sujeitos, diferentes maneiras de se observar a vida e seus fluxos de maneira crítica, neste sentido a memória dos fatos, nos autoriza a narrar essa nova história sobre o mundo em que vivemos e que queremos deixar para as próximas gerações.

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

Rememorar fatos e eventos, deveriam propiciar aos educadores ambientais questionamentos que reverberem em reflexões sobre o contexto da vida. O objetivo nunca foi o de ensinar algo a alguém, mas o de construir saberes e memórias com o coletivo, torna-se ação política ativa, potência criadora. A ecosofia e a sabedoria dos povos da floresta tentam conectar a condição humana no meio ambiente, porque vivenciamos as consequências do nosso desligamento, das nossas ações sem projeção consciente, o que os povos da floresta definem como a perda da capacidade de sonhar, ou seja: “Os brancos não sabem sonhar, é por isso que destroem a floresta desse jeito” (A; K, 2015 p.531 ). Não sabemos sonhar, perdemos essa capacidade, não seria essa a resposta à nossa necessidade doentia de consumo: o preenchimento do vazio estabelecido pelo modelo capitalista? Defendemos a necessidade de se abrir reflexões sobre a espécie humana nas aulas de EA e, assim, das nossas vidas neste planeta, e de como estamos conectados por linhas invisíveis, como habitamos e somos habitados por muitos, como esses encontros , e como eles acontecem, e dessa maneira, quais os seus resultados dessas disjunções. Tornando esse movimento um reflexo corporal e que poderia ser trabalhado a partir de situações de estudo, de construções coletivas para mudar o mundo, porque somos sujeitos coletivos. A frase acima, sobre a incapacidade dos brancos de sonhar, lembra-me de Montaigne . No século XVI, os calvinistas franceses sonhavam em colonizar uma parte do então recentemente invadido Brasil. Para verificar a periculosidade da tribo canibal da qual ouviram relatos, dos invasores que aqui estiveram, decidiram levar até a França, em 1562, alguns integrantes do povo dos tupinambás. Lá essas pessoas foram exibidas ao rei da França, Carlos IX, e sua corte. Naquela época, a Europa considerava bárbaros, incivilizados, todos os povos que não fossem europeus, ou seja, todos aqueles que não pertenciam ao mundo “civilizado”.

Esse encontro foi tão marcante para Montaigne, que o inspirou a escrever o primeiro ensaio, tornando-se assim o primeiro ensaísta da literatura, com a publicação do texto “Dos Canibais”, que integrou o volume I da obra Ensaaios. Esse encontro de corpos e de almas, e que durou apenas um dia, foi impactante para Montaigne. Fê-lo admitir que ele havia invertido a noção do que seria civilizado e bárbaro. A partir do encontro com os integrantes do povo Tupinambá, ele passaria a dizer que aqueles seres humanos eram, na realidade, os civilizados, e que os europeus seriam os bárbaros. E isso se dava porque, naquele encontro, eles puderam constatar a alegria daqueles seres humanos, identificaram a sua capacidade de sustento, porque viviam na natureza e, por isso, tinham corpos fortes e saudáveis, diferentemente dos corpos dos europeus, fracos e suscetíveis a todos os tipos de mazelas. Não queriam acumular, tiravam da natureza o necessário e repartiam suas conquistas com a coletividade, preceitos como Liberté, Egalité, Fraternité - Liberdade, Igualdade, Fraternidade foram aprendidos ali, no momento daquele encontro de corpos e de almas. As impressões deixadas em Montaigne foram tão marcantes, que inspiraram outros teóricos, que inspirados por Montaigne, produziram trabalhos que revolucionaram o campo filosófico e educacional, entre eles, Rousseau, que algum tempo depois publicou O Bom Selvagem e O Emílio, culminando em uma perspectiva educacional que deixou de considerar a criança como uma miniatura do adulto, e sim como um sujeito em desenvolvimento. Todas essas reformas do pensamento educacional, de alguma forma, foram herdadas desse encontro de Montaigne com os Tupinambás. O que nos faz refletir sobre as narrativas historicamente construídas, do papel de superioridade dos brancos sobre os outros povos, quando, na realidade, o nosso pensamento cartesiano é violento e as nossas ações são bárbaras.

## 6. Bibliografia

CHENG H, Ashish S, CRUZ FW et al. 2013. Climate change patterns in Amazonia and biodiversity. Nature Communications, n. 4, p.1411, 2013

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

DELEUZE, Gilles , La filosofia crítica de Kant. Madrid: Cátedra.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Felix. O que é a Filosofia? Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

EDUSC. KARSENTI, Bruno. 1998. "The Maussian shift: a second foundation for sociology in France?". In: W. James & N. J. Allen (ed.) Marcel Mauss: a centenary tribute. New York/Oxford: Berghahn Books.

GUATTARI, Félix. As três ecologias. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21 ed. Campinas: Papirus, 2012a.

\_\_\_\_\_. Caosmose: um novo paradigma estético. Tradução Ana Lucia de Oliveira e Lucia Claudia Leão. 2a ed. São Paulo: Editora 34, 2012b.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. MICROPOLÍTICA: Cartografias do desejo. 10a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

HEIDEGGER, Martin. Essais et Conférences. Paris: Gallimard, 1958.

\_\_\_\_\_. L'Affaire de la pensée. Paris: Gallimard, 1990.

INGOLD, Tim. "Being Alive Essays on Movement , Knowledge and Description. London : Routledge, 2011.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moises. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 729 p.531

M.F. Fahnestock, J.G. Bryce1, C.K. McCalley, M. Montesdeoca, S. Bai, Y. Li, C.T. Driscoll, P.M. Crill, V.I. Rich, R.K. Varner Geochemical Perspectives Letters v11 | doi: 10.7185/geochemlet.1922

MARTIN PS, Steadman DW (1999) Prehistoric extinctions on islands and continents, In: MacPhee RDE (ed) Extinctions in near time. Kluwer/Plenum, New York,1999. pp 17–55.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes, In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). Epistemologias do Sul ., São Paulo: Cortez 2010.